

# Simpósio Temático 8

**Mateus Bertone da Silva**  
**Universidade Federal de Goiás**

**Título da Comunicação:** Fogo saneador, metáfora do recomeço – a arquitetura cênica de „A Ópera de Três Tostões“ e as interlocuções com a ação cultural de Lina Bo Bardi em Salvador nos anos 60.

**RESUMO:** A presente comunicação apresenta o trabalho de „cenografia“ da arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992) para a montagem teatral de “A Ópera de Três Tostões” de Bertolt Brecht, realizada pela Escola de Teatro da Bahia sob a direção de Martim Gonçalves em 1960, no palco incendiado do Teatro Castro Alves. Interessa apontarmos alguns entrelaçamentos entre esta produção artística e os aspectos da cultura sob os quais incide o pensamento da arquiteta, tendo em vista a atuação de Lina Bo em amplas e diversificadas frentes, nas quais, revolvendo diferentes formas de manifestação do que chamou “Civilização Nordeste”, ultrapassa os limites estritos da prática profissional no horizonte conseqüente de uma certa *Modernidade*.

No caso específico do projeto cenográfico estudado, fazendo reverberar no palco o contínuo interesse pela crítica de costumes e da cultura material que Lina Bo exercia em um semanário de crônicas publicadas no Diário de Notícias de Salvador, as aproximações entre temas deflagrados do contexto histórico da peça e os do contexto cultural de onde o espetáculo foi encenado informaram profundamente os aspectos estéticos eleitos, orientando-se pelo tratamento não naturalista dos objetos cênicos, numa articulação produtiva com um recurso da literatura moderna, mas também da estética teatral do dramaturgo alemão, a paródia.

Tal estratégia também fundamenta a criação do suporte espacial de todo o espetáculo: desdobrando o conceito de *estranhamento* brechtiano, Bo elabora um espaço teatral que realiza alguns aspectos que fulguram o *pathos* operístico, contudo, balizando suas diferenças com a tradição ilusionística da cena barroca, abriga-os em uma verdadeira *arquitetura cênica*. A impossibilidade da separação espacial com o lugar da platéia e a ausência das maquinarias e vestimentas cênicas do „palco à italiana“ – as quais estavam presentes “em grande estilo” na sala do Castro Alves antes do incêndio que as consumiu – não são vistas como *carência*, mas como a possibilidade de um novo recomeço, apoiado em bases críticas, numa negação inequívoca das convenções “cenográficas” mas também de toda uma “cultura” que as edificara. E que o incêndio sinaliza como uma bela metáfora.